



462.º SARAU

Theatro

Municipal

SEGUNDA - FEIRA,

3 DE FEVEREIRO DE 1941

Às 21 horas



3.º Concerto da série

"A Execução integral das Sonatas de Beethoven"

pelo excelente pianista

**FRITZ JANK**

e com breves commentarios do distincto

**PROF. JOÃO C. CALDEIRA FILHO**



# Programma



## I

SONATA EM RE' MAIOR, OP. 10, N. 3  
(Dedicada á Condessa von Browne)

Presto  
Largo e mesto  
Minuetto — Allegro  
Rondó — Allegro

## II

SONATA EM DO' MENOR, OP. 13 (Pathetica)  
(Dedicada ao Principe Karl von Lichnowsky)

Grave  
Allegro molto e con brio  
Adagio cantabile  
Rondó — Allegro

## III

SONATA EM MI MAIOR, OP. 14, N. 1  
(Dedicada á Baroneza von Braun)

Allegro  
Allegretto  
Rondó — Allegro comodo

SONATA EM SÓL MAIOR, OP. 14, N. 2  
(Dedicada á Baroneza von Braun)

Allegro  
Andante  
Scherzo — Allegro assai

# Beethoven

visto por

Romain Rolland

## A I D É A

Nos seus eleitos desenvolve em geral a musica a capacidade de concentração numa idéa. E' uma construcção em movimento cujas partes devem ser aprehendidas simultaneamente. Em nenhum musico mais do que em Beethoven a acção do pensamento é mais violenta, continua, invencivel. Evidente em todas as suas composições, extraordinario "parti-pris" de unidade distingue-o de todos os musicos do seu tempo. Ainda em vida do mestre, percebebera já T. A. Hoffmann o parentesco intimo de todos os themas da "Symphonia em dó menor". Actualmente, alguns dos seus mais recentes commentadores chegaram a enunciar a lei: "cada uma das suas obras, em todos os trechos, partes e themas, é o desenvolvimento, a variação de um motivo unico". Quaesquer que sejam as consequencias da applicação, a meu ver excessiva, desta lei á obra total de Beethoven, é indiscutivel ser esta indelevelmente marcada por uma vontade ferrea. Sente-se o homem cujo olhar se crava na idéa com terrivel fixidez. Não é isso devido, como se poderia pensar, ao facto de estar o solitario emparedado pela surdez, pois muito antes della já se accusava a mesma tendencia. Quando a idéa lhe occorria subitamente, em plena rua, no meio de um passeio ou de uma palestra, Beethoven, como dizia, soffria um "raptus". Não se pertencia mais, pertencia á idéa, que só abandonava depois de completamente possuida. A Bettina escreveu, em termos que creio veridicos, porque correspondentes ao que sabemos do seu temperamento: "Lanço-me em-pós a idéa, alcanço-a, vejo-a fugir e perder-se; torno a prendel-a com redobrada paixão; não posso mais separar-me della, e tenho de multiplical-a em um espasmo de extase, em todas as modulações..."

## O M E S T R E

Após a idéa — o mestre que nos domina, a força que nos possui. Ninguém, como Beethoven, accumulou e projectou em sua arte tão inaudita energia. E' um elemento da Natureza, um rio que se despenha com suas cataractas, taes a peroração da abertura de "Egmont", as explosões da abertura de "Coriolano", a torrente vertiginosa que corre do "scherzo" e se abysma no final da "Symphonia em dó menor..." Nada de musica intima, que se ausculta a si mesma, adormecida no proprio sonho. A musica de Beethoven respira e anda, e faz respirar e andar. E' o sonho em acção, cheio de admiravel potencia vital. E, principalmente, é sadia, admiravelmente sadia, simples e sadia como a marcha dos seus accordes. E' a respiração dos campos e das florestas, e do homem que lucha.

## A L U C T A

O ouvinte, mesmo o menos habituado á analyse dos proprios sentimentos, distingue logo nessa musica allucinante e exaltada um motivo psychico persistente: um combate entre dois elementos, uma gigantesca dualidade que se manifesta do começo ao fim da obra de Beethoven. Encontramol-a na "Pathetica", que data de 1798, e em certos allegros dos primeiros quartettos e trios anteriores a 1800, os quaes são já pequenos dramas. Não se trata de uma acção na qual se defrontam personagens diferentes, o que seria uma interpretação pueril, mas, dentro da unidade do espirito beethoveniano, tempestuoso, ardente e voluntario, duas formas da mesma alma, unidas e opostas, discutindo, luctando, enlaçadas corpo a corpo, não sabemos se para a destruição ou para o amor. Ha dois antagonistas de força desigual, que dizem ao coração coisas diferentes. Um ordena e opprime, outro debate-se e geme, mas ambos, vencedor e vencido, são igualmente nobres. Nelles, nada de impuro, desprezível ou equivoco. Nunca musica alguma produziu tal impressão de pureza de alma.

\* \* \*

Até agora ignoramos a natureza da lucta ou, pelo menos, o seu valor na existencia de Beethoven. Della participamos sem analysal-a, mas vamos pouco a pouco percebendo que, nessa lucta, todos nós estamos interessados. E quando, mais tarde, apreendemos o que significava ella para o mestre, já não é mais uma descoberta: damos apenas um nome áquillo que sentiamos sem poder definir.

O combate, em Beethoven, é entre a alma e o destino. Não é uma supposição, nem a empresto a Beethoven. Elle proprio nol-o diz... Seus pensamentos, escriptos e citações de poetas soam como tragico desafio á Fatalidade.

"Que me resta fazer? — Ser mais forte que o Destino".

Sua lucta é a nossa lucta, é de todos os tempos, de todos os lugares. Em toda parte, o espirito do homem, a força dos desejos, das esperanças, das ambições de amor, poder e conhecimento, são detidas por mão de ferro: a brevidade da vida, a instabilidade, limitação de forças, indiferença da natureza, enfermidades, fracassos, decepções. Encontramos em Beethoven nossas derrotas e soffrimentos, por elle, entretanto, ennobrecidos e purificados.

A este primeiro beneficio junta-se um segundo, e bem mais importante: deste homem torturado recebemos a resignação heroica, a paz no soffrimento. Realizou elle, e realiza para nós, a harmonia estoica de ver a vida como ella é, e de amal-a apesar de ser como é. Aceita o Destino e com a derrota constróe a victoria. Essa victoria não é a de um homem isolado. Ella é tambem nossa. Beethoven venceu por nós.

"Quem comprehender minha musica, libertar-se-á da miseria onde jazem os outros..."

